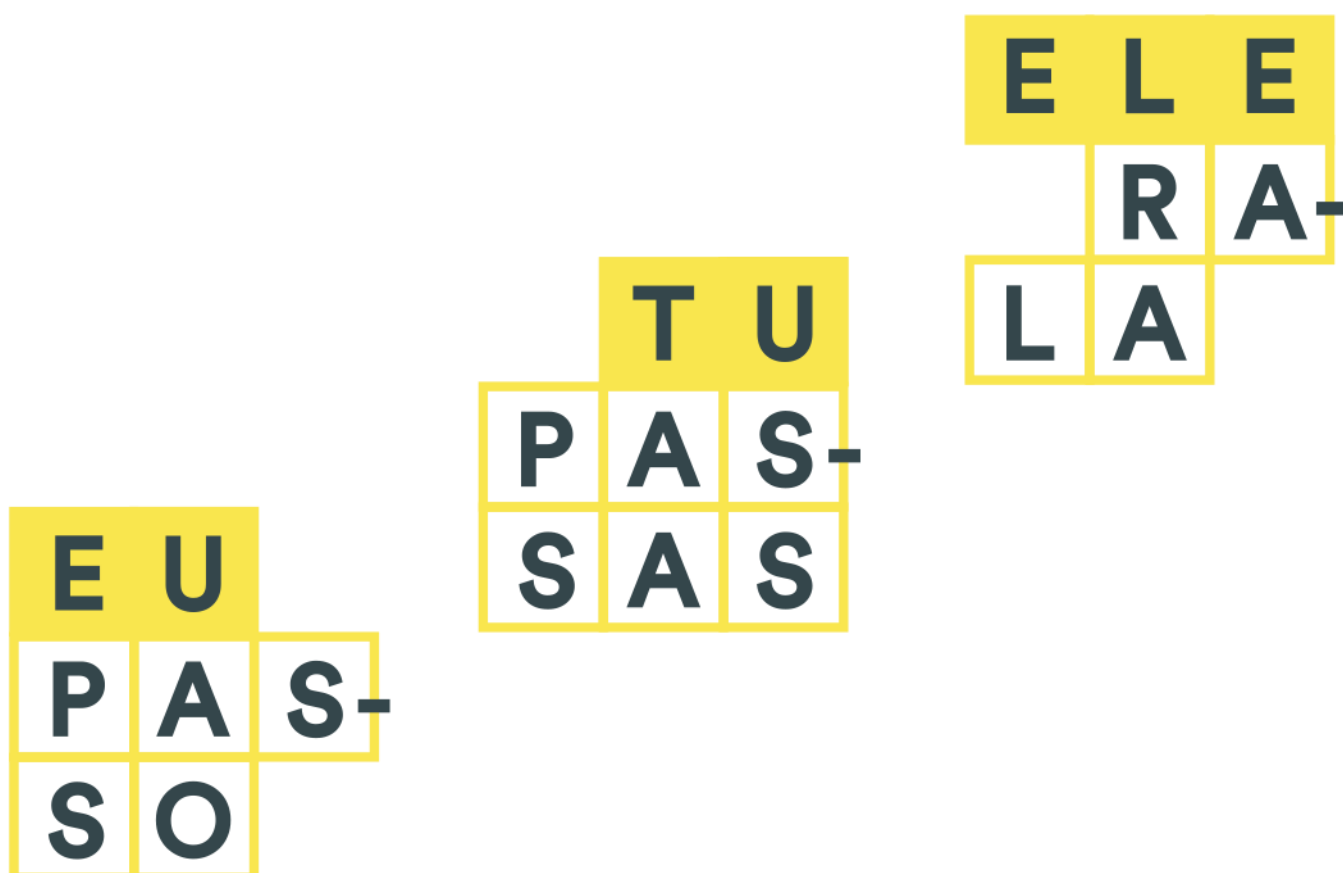


Coerência – Questões Antigas de Vestibulares



Coerência – Questões Antigas de Vestibulares

1.

TEXTO III

Mestre

Mestre, são plácidas¹
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
5 Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.

10 Assim saibamos,
Sábios incautos²,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
15 Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

À beira-rio,
20 À beira-estrada,
Conforme calha³,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

25 O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
30 Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
35 Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
40 Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
45 Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

RICARDO REIS

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1999.¹ plácidas – calmas² incautos – desprevenidos³ conforme calha – conforme seja

Na 1ª estrofe do poema, para construir o sentido geral do texto, o poeta faz uma referência à expressão perder tempo, dando-lhe, entretanto, outro sentido, diferente do usual.

Explique o sentido usual da expressão perder tempo e apresente, também, o sentido que essa mesma expressão assume no poema.

2.

Língua

Esta língua é como um elástico
que espicharam pelo mundo.

No início era tensa,
de tão clássica.

Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode
mais trocar, de tão usado;
nem se arrebenta mais, de tão forte.

Um elástico assim como é a vida
que nunca volta ao ponto de partida.

GILBERTO MENDONÇA TELES

Hora aberta: poemas reunidos. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1986

Para o senso comum, o uso duradouro e frequente de certos objetos tende a causar desgaste e a exigir sua substituição. Uma referência a essa ideia vem expressa em dois versos do poema.

Transcreva esses versos. Em seguida, explique por que, segundo o poema, o uso da língua não confirma o senso comum.

- 3.** O texto a seguir foi publicado no jornal O Globo, de 14 de outubro de 1994, sob a rubrica de resumo de filme:

Super-heróis

Eu acuso (I accuse, the Dark Avenger, EUA, 1990, de Guy Magar) – produção independente e baratinha na qual um juiz dado como morto esconde o rosto deformado sob uma máscara e torna-se um vingador. Imitação de Darkman, só que feita antes.

A redação dada ao texto acima apresenta uma incoerência em relação ao sentido.

Explique em que consiste essa incoerência.

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5:

Aquele casal, o marido me honra com suas confidências:

- Ultimamente, a Elsa anda um pouco estranha. Não sei o que é, mas não me agrada a sua evolução.
- Como assim?
- Deu para usar estampados berrantes, de mau gosto, ela que era tão discreta no vestir.
- É a moda.
- Pode ser o que você quiser, porém minha mulher jamais se permitiu esses desfrutes.
- Deixe Dona Elsa ser elegante. Não há desfrute em seguir o figurino.
- Se fosse só o figurino. São as maneiras, os gestos.
- Que é que tem as maneiras, os gestos?
- A Elsa parece uma menina de quinze anos. Ficou com os movimentos mais leves, um ar desembaraçado que ela não tinha, e que não vai bem com uma senhora casada.
- Posso dar opinião? As senhoras casadas não perdem a condição feminina, e pode até realçá-la por uma graça experiente.

Fixou-me suspeito:

- Que é que está insinuando?
- Nada. A mulher casada desabrochou, não é mais um projeto, pode revelar melhor o encanto natural da personalidade.
- Pois fique com suas teorias, que eu não quero saber de minha mulher revelar seu encanto a ninguém.
- Perdão, eu...
- Já sei. Estava querendo desculpar a Elsa.
- Desculpar de quê?
- De tudo que ela vem fazendo.
- Eu ignoro tudo, e adivinho que não há nada senão...
- Senão o quê?
- Aquilo que o dicionário chama de ente de razão, uma fantasia completamente destituída de razão.
- Acha então que estou maluco?

- Acho que está sonhando coisas.
- E a flor que ela trouxe ontem para a casa é sonho? Me diga: é sonho?
- Que é que tem trazer uma flor para casa?
- Veio do oculista e trouxe uma rosa. Acha direito?
- Por que não?
- Eu apertei, ela me disse que foi o oculista que deu a ela. Estava num vaso, ela achou bonita, ele deu.
- E daí?
- Então uma senhora casada vai ao oculista e o oculista lhe dá uma rosa? Que lhe parece? - Que ele é gentil, apenas.
- Pois eu não vou nessa gentileza de oculista. Não há rosas nos consultórios de oftalmologia. E que houvesse. Tem propósito uma coisa dessas? Ela acabou chorando, dizendo que eu sou um bruto, um rinoceronte. Engraçado. Minha mulher vem com uma rosa para casa, uma rosa dada por um homem, e eu não devo achar ruim, eu tenho que achar muito natural.
- Desde quando é proibido uma senhora ganhar flor de uma pessoa atenciosa? Que sentido erótico tem isso?
- Tem muito. Principalmente se é rosa. Ora, não tente negar o significado das ordens florais entre dois sexos. O oculista não podia dar essa flor, nem ela podia aceitar. O pior é que não deve ter sido o oculista.
- Quem foi, então?
- Sei lá. Numa cidade do tamanho do Rio, posso saber quem deu uma rosa a minha mulher?
- Vai ver que ela comprou na loja de flores da esquina, e disse aquilo só para fazer charminho.
- Ela nunca fez isso. Se fez agora, foi para preparar terreno, quando chegar aqui uma corbelha de antúrios e hibiscos.
- Não diga uma coisa dessas.
- Digo o que penso. Estou inteiramente lúcido, só me conduzo pelo raciocínio. Repare no encadeamento: os vestidos modernos; os modos (só vendo a maneira dela se sentar no sofá); a rosa, que ela foi correndo levar para a mesinha de cabeceira do quarto. Cada uma dessas coisas é um indício; reunidas, são a evidência.
- Permita que eu discorde.
- Discorda sem argumentos. A Elsa não é mais a Elsa. Demora mais tempo no espelho. Fica olhando um ponto no espaço, abstrata. Depois, sorri. Estou decidido.
- A quê?
- Vou segui-la daqui por diante. Contrato um detetive. E logo que tenha a prova, me desquito.

- Não vai ter prova nenhuma, juro. Ponho a mão no fogo por Dona Elsa.
- Pensei que você fosse meu amigo. Fiz mal em me abrir. Vamos mudar de assunto que ela vem chegando. Mas repare só que os olhos de Capitu que ela tem, eu nunca havia reparado nisso!

Esquecia-me de dizer que meu amigo tem 82 anos, e Dona Elsa, 79.

4. Pelo desenrolar do texto, ou seja, pela atenção (focalização) que é dada às ações da Elsa sob o ponto de vista do marido, o leitor é levado a construir uma imagem da mulher. Qual é essa imagem?
5. Em qual momento da narrativa, um dos personagens tenta, explicitamente, mudar o foco da conversa?

Gabarito

1. Usualmente, a expressão “perder tempo” tem conotação negativa, referindo-se a ações desnecessárias ou inúteis que não levam a lugar algum. No poema, a expressão “perder tempo” tem conotação positiva, referindo-se à capacidade de aceitar a passagem natural do tempo, vivenciando-se o presente e assim aproveitando-o melhor. O exemplo analisado permite constatar uma importante característica do discurso literário, que é o deslocamento intencional de expressões cristalizadas, na criação de novos sentidos.
2. Os versos são: “Um elástico que já não se pode / mais trocar, de tão usado”. O meio universal e mais eficiente de convivência das pessoas numa comunidade é a língua que falam. Diferentemente do que acontece com um objeto, como um celular, por exemplo, que se desgasta com o uso e o tempo, a força e a vida de uma língua dependem, justamente, de que ela seja utilizada continuamente, por longo tempo e por um grande número de pessoas.
3. O filme “Eu acuso” só poderia ser uma imitação se tivesse sido feito após o filme “Darkman”. Assim, o texto “peca” em relação à coerência temporal.
4. Ao longo do texto, o marido de Dona Elsa tenta provar ao amigo as razões de sua desconfiança, relatando e comentando, segundo seu ponto de vista, as atitudes, as maneiras e os gestos atuais de sua mulher. Assim, o leitor é levado não só a acreditar que Dona Elsa está traindo o marido, como também a formar uma imagem de mulher falsa, traidora.
5. No penúltimo parágrafo do texto, quando o marido diz: “(...) Vamos mudar de assunto que ela vem chegando”. Porém, tomado pelo ciúme doentio, não consegue mudar de assunto e faz mais uma afirmação sobre a mulher: “Mas repare só que os olhos de Capitu que ela tem, eu nunca havia reparado nisso!” Capitu, citada pelo marido, é personagem do romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Nesse romance, protagonizado por Capitu e Bentinho, o narrador constrói uma narrativa ambígua por natureza, fazendo com que o leitor ora duvide, ora acredite na inocência de Capitu, acusada, também, de adultério pelo marido, ex-seminarista e advogado.